

Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 de Maio de 2016

Texto de referência: L. Giussani, «Os três factores constitutivos», em Porquê a Igreja, Verbo, 2004, pp. 118-138 e J. Carrón, «Introdução», de «Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada», anexo à Tracce-Litterae communionis, Junho 2016, pp. 4-19.

- *Non son sincera*
- *Haja o que houver*

Glória

Iniciámos os Exercícios da Fraternidade partindo do reconhecimento do quanto somos necessitados, do quanto somos pecadores. Mas isto muitas vezes não é muito consciente: achamos que no fundo a natureza da nossa necessidade não é assim tão radical e que nos podemos desembaraçar sozinhos. Mas mais tarde ou mais cedo fica patente aos nossos olhos que não é nada assim, tal como aconteceu aos discípulos: anos de convivência com Ele não bastaram para responder às suas necessidades, aos seus medos, às suas tristezas ou ao seu choro. Por isso é crucial que nos rendamos conta de que nem sequer o reconhecimento da nossa necessidade é suficiente. Porque muitas vezes nós reduzimo-la àquilo que não conseguimos perceber. Apenas diante de uma Presença é que uma pessoa se dá realmente conta de qual é a natureza da necessidade. É por isso que começo com uma pergunta que nos chegou por e-mail, vinda de uma pessoa que vive longe: «Gostaria de perceber e aprofundar a relação entre *O estilo de Deus* [o primeiro parágrafo] e “*Sinal dos tempos*” [o segundo] da Introdução de sexta à noite. Impressionou-me especialmente a descrição que fazes da mudança epocal. Aquela atitude do homem que diz que deve ser Deus a justificar-se, eu noto-a constantemente à minha volta na escola (sou professor de liceu), com os estudantes e com os colegas. Parece-me uma espécie de presunção (não quero usar palavras exageradas) e a coisa que mais me magoa é que isto me afasta das pessoas, tornando as relações áridas e frias. Mas depois ao ler o segundo parágrafo, impressiona-me aquela descrição do Papa Francisco. Há no Papa uma profunda sensibilidade pelo homem contemporâneo, uma inteligência da sua condição, uma preocupação pelas suas inquietações e pelas suas feridas, e a resposta a este estado de alma ferido do homem é a experiência concreta da misericórdia. Ora, a minha pergunta é: como é que se passa da descrição do homem à experiência de misericórdia, até dizer que a misericórdia é a resposta a tudo o que tem a ver com o humano? Interessa-me este aprofundar da questão porque eu também gostaria de ter este olhar do Papa sobre o homem, sobre as pessoas que encontro todos os dias e na relação com as quais muitas vezes me descubro indiferente. E depois, no fundo, é o olhar que sinto sobre mim no encontro com Cristo». Porque é que é tão decisivo ligar estes dois pontos, ou seja o estilo submisso de Deus com a mudança epocal? Porque ninguém pode imaginar que agora, com todo a consciência que o homem moderno tem de si, se possa impor de certa forma Deus ao homem. É por isso que a descrição do Papa Bento é fundamental, tal como podemos ver em nós próprios. Só este estilo submisso de Deus, esta «ternura de Deus» – como diz Francisco aos Bispos do México – pode realmente conquistar o homem de hoje. Isto é especialmente crucial, e vemo-lo nas relações (na escola, na vida quotidiana...). Não é uma questão de presunção, mas que (como nos dizia sempre don Giussani citando o autor protestante R. Niebuhr) sem que uma pessoa perceba a relação entre o estilo de Deus e a necessidade humana, não seria razoável reconhecê-Lo: «Nada é tão pouco credível como a resposta a uma pergunta que não se coloca» (*O destino e a história*, Bur, Milano 1999, p. 66). Por isso, a tentativa inicial dos Exercícios

é a de identificar bem, graças à companhia fabulosa de Bento XVI (que por sua vez cita João Paulo II e Francisco), é qual é aquela brecha através da qual o homem de hoje pode reconhecer a própria necessidade e perceber a resposta a esta necessidade, pelo modo com que Deus age na relação com ele. Porque sem isto – que é precisamente a “justificação” de Deus – nós apenas podemos viver à defesa. De facto, por um lado vemos esta necessidade, e por outro gostaríamos de ter um olhar assim sobre a realidade, o que tantas vezes não nos é imediato. Don Giussani comunicou-nos sempre assim o cristianismo. Começou o movimento com um objectivo: mostrar a pertinência da fé às exigências da vida, mostrar que o cristianismo respondia ao desejo. Por isso, apenas se o anúncio cristão de hoje responder à necessidade, é que o homem o poderá reconhecer, poderá percebê-lo como pertinente. E como é que isto acontece? Que caminho estamos a fazer? Que experiência fizemos? De que modo é que este delineamento que Francisco e Bento XVI nos apresentam começa a incidir?

Quando nos Exercícios citaste este ponto que agora referiste, ou seja, que Deus se deve mostrar à altura da situação, para mim foi muito importante porque foi uma reviravolta no modo como entrei nas aulas. Eu sempre tinha pensado que de algum modo são os miúdos que devem estar à altura da situação (tal como eu defino a situação). E isto, no fim de contas, como sou eu a definir a imagem de como as coisas devem ser, leva-me como a quase todos os meus colegas, à desilusão ou ao lamento porque eles não se mostram à altura. Mas quando disseste sobre Deus que se deve mostrar...

Não é que os professores não tenham todos o desejo de responder a isto. Mas se uma pessoa parte de um delineamento errado, todas as tentativas esbarrarão contra um muro. Pode-se fazer isto com os alunos, com os filhos, com os colegas, com todos!

É verdade. E de facto, depois na segunda-feira após os Exercícios, entrei na aula e a pergunta que me fazia era: como é que aquele estilo submisso de Deus pode ser o meu estilo no ensinar, no modo de estar diante dos miúdos como eles são e não como eu gostaria que fossem? Houve uma situação concreta. Neste último período do ano, os miúdos andam muito nervosos porque têm, testes, orais... Sobretudo com professores como tu!

Evidentemente. Então o que é que eu fiz? Desafiei-os dizendo: «É preciso romper este mecanismo. É preciso romper este mecanismo porque não é humano». E aqui fi-lo por uma ideia justa do humano. Então uma miúda aproximou-se e disse-me: «Ouça prof., testes, orais é o que nós devemos fazer e eu quero fazê-los o melhor possível, mas o prof, o que é que quer? Porque agora quer uma coisa diferente? Que coisa? Eu quero fazer bem o trabalho deste mês, que é o trabalho do estudo». É uma rapariguita tímida, pelo que não estava nada à espera de uma reacção destas e por isso fiquei um pouco bloqueado. Mas veio-me à cabeça aquilo que don Giussani nos tinha dito em Viterbo: «O que é próprio de uma presença é ajuizar aquilo que está, e não criar um trabalho alternativo porque senão este sobrepe-se ou reduz a própria presença.» («Viterbo 1977», in L. Giussani, Il rischio educativo, SEI, Torino 1995, p. 79). Então eu comecei a tentar perceber o que é que esta aluna queria; ou seja, em vez de a trazer até mim, procurei devagarinho mudar a minha abordagem. Na conversa com ela descobri que era eu que me devia justificar e não ela a estar à altura! De que serve fazer alguma coisa diferente, quando eles precisam de estudar? Por isso, devagar, descobri aquela necessidade dela, descobri como é que ela estuda, como é que ela está a estudar. E comecei a comparar-me com os seus problemas, com as suas dificuldades e, através dela, com as dificuldades da turma. E ali foi-me claro que a questão não é o estudo como o sei fazer eu, mas como o fazem eles. Eu fui levado a partilhar a necessidade que eles têm porque de outra forma carregam com aquilo que eu gostaria que fosse o estudo. Esta reviravolta foi muito mais interessante para mim, senti-me mais verdadeiro enquanto professore, porque aos poucos fez-me perceber que havia uma liberdade, que havia uma humanidade que precisava de ser partilhada. De facto, o seu sorriso e a sua alegria foram evidentes quando me disse: «Finalmente há um adulto que me trata pela necessidade que tenho, e não me diz o que devo fazer». Isto impressionou-me imenso porque percebi

que o estilo submisso não é uma técnica, mas o modo para abraçar realmente o humano. Eu tinha uma ideia justa sobre o humano, mas tinha deixado a miúda de fora.

«Eu tinha uma ideia justa sobre o humano, mas tinha deixado a miúda de fora.». Porquê?

Porque tinha a minha ideia de professor, sobre qual era a minha necessidade e qual era a deles. Em primeiro lugar, eu não me deixava abraçar.

Parece-me que isto mostra quanto caminho temos ainda de fazer. Porque tu descreveste-o: pensavas ter percebido o problema da aluna, mas tinhas feito uma abstracção da aluna. A rapariga real, histórica, concreta, que estava à tua frente foi aquela que começou a interrogar-te; ela tirou-te do teu lugar e então começaste a tentar perceber. Sem te dares conta, usas as palavras que diz Bento XVI: «Devagar – porque não se percebe tudo imediatamente – produz-se esta mudança, sou eu a ter que procurar perceber o que está a acontecer nela para que a minha acção, a minha resposta, possa ser ouvida como algo pertinente à sua necessidade. Por isso sou eu que me devo justificar, que tenho de mostrar que a resposta que dou a esta rapariga tem presente todos os factores: não só a ideia justa do estudo, mas a pessoa que deve estudar, o sujeito histórico que tenho diante. Diríamos nós: ao ter uma ideia certa, estamos bem. E pensamos ter percebido toda a complexidade da realidade. Pelo contrário, começamos a ver que a nossa ideia de justo é, às vezes, muito limitada e deixa de lado uma quantidade incrível de factores que demonstram que o nosso olhar não é de todo justo. Muito pelo contrário. E nota-se isto porque começo a dar-me conta dos problemas, das dificuldades; começo a ver certos dados do real que estavam ali, mas que eu, até àquele momento, não via com clareza suficiente. Não tinha partido da necessidade deles. E isto – como bem dizes – é uma reviravolta sobretudo para ti. Como precisamos de aprender isto! Torna-te mais verdadeiro como professor, como juiz, como pai diante do filho, como colega com o seu colega, ou como o prisioneiro com o polícia que o manda despir, tal como vimos no exemplo clamoroso que citei em Rimini. («*Amei-te com um amor eterno e tive piedade do teu nada*», p. 65ss). Não é que o amigo prisioneiro tivesse errado o juízo, não diz que ser tratado assim é justo: não, é errado, é desagradável. Mas como poderia o carcereiro fazer de modo diferente se ninguém o olhou de modo diferente? «Percebi que não é culpa deles. Que culpa tem uma pessoa se não fez um encontro, se não teve uma pessoa que lhe quer bem gratuitamente e, conseqüentemente, lhe ensina a querer bem, como se faz sem se ter um guia assim?! Que culpa tem uma pessoa se não tem uma testemunha para seguir [...]? Olhei-os com uma grande ternura, não porque me fosse fácil despir-me [o juízo é claro], ou ser tratado assim. Isso não! Mas olhei-os com ternura porque se uma pessoa foi sempre tratada assim na vida, é claro que como consequência também trata assim as pessoas que encontra» (*Ibidem*, p. 66). É preciso escancarar o olhar e tomar consciência de todos os factores, e não apenas fechar-se ao nível do “certo ou errado”, precisamente porque este “certo ou errado” tem a ver com toda a história da aluna, com toda a história do prisioneiro; senão torna-se difícil que possamos dar passos. Porque, no fim de contas, o que acontece? Que, ao enfrentar a realidade damo-nos conta que não percebemos até que ponto chega a nossa necessidade. E não tendo percebido isto, não estamos em posição de perceber a necessidade do outro. Mas quando uma pessoa começa a dar-se conta e revira a “tortilha”, a dada altura começa a ver aquilo que antes não via. Não é que sejamos visionários. Não é que tu, a dada altura, te tornaste um visionário: simplesmente começaste a ver aquilo que antes não vias. A necessidade daquela rapariga estava diante de ti, mas tu não a vias pela ideia, ainda que justa, que tinhas.

Nos Exercícios fiquei muito impressionado pela maneira como foi descrito o método de Deus que Se revela lentamente, pouco a pouco. No entanto, na minha experiência sinto que este método submisso me aborrece. Queria que tudo se manifestasse claramente e identifico-me com aquelas pessoas que, perante a descrição da misericórdia de Deus, dizem que na vida real, na vida verdadeira, não funciona assim.

Essa é a nossa desconfiança, submisso ou nem tanto...

Apesar do sobressalto do coração que aconteceu nos Exercícios, do abraço que senti, da ajuda verdadeira a fazer emergir toda a necessidade que temos em nós, noto que no fundo no quotidiano esta afirmação (que na vida real a misericórdia não funciona) continua a prevalecer. Portanto quando vivo a aridez no dia de trabalho ou quando noto que me custa viver com verdade nas relações, é preciso uma grande simplicidade para encarar honestamente os próprios amigos e os da comunidade; ou quando acontecem coisas dolorosas noto que, embora existam as interrogações, neste diálogo com a Presença falta qualquer coisa de novo. Dizia-se: a misericórdia do Senhor vem-nos buscar na medida em que a pessoa a pede. Com frequência dou-me conta de pedir, tendo, porém, um grande cepticismo de fundo. Portanto, perguntava-te: porque é que nos fica este cepticismo e qual é o caminho para começá-lo?

Desculpa, porque é na tua opinião permanece como pano de fundo este cepticismo?

Talvez porque no fundo a pessoa não é verdadeiramente leal com a sua necessidade.

Deixemos em aberto este ponto, porque temos de o encarar de frente. Porque é que permanece este cepticismo? Quando a Madalena se encontra lá a chorar, é só cepticismo ou é que no fundo a dimensão do problema é superior às suas capacidades de o resolver? Chamamos-lhe cepticismo, mas no fundo é uma impotência: o que nós queríamos não funciona, ou não conseguimos fazer com que funcione de acordo com as nossas imagens. Mas volta muitas vezes à memória aquela frase de Jesus: «Sem Mim nada podeis fazer». Mas nós pensamos que Jesus, no fundo, é um tanto exagerado, porque «nada» é demasiado. Por isso quando nos encontramos perante situações que nos ultrapassam por todos os lados... Mas o cepticismo donde nasce? Não nasce de Cristo: nasce de reduzir a natureza do problema, de ter pensado que, no fundo, está nas nossas mãos (e, após muitos esforços, nós tornamo-nos cépticos em relação aos nossos esforços). Estamos perfeitamente de acordo: é claro que não podemos. A questão é se existe alguma outra possibilidade! Por isso não devemos lutar contra este cepticismo em abstracto: temos de ver, encarar de frente os factos que nos permitem desafiar este cepticismo.

Há cerca dum ano atrás, no emprego, pediram-me para mudar totalmente as minhas funções e tive de aprender tudo. Entre os que trabalhavam comigo identifiquei logo uma rapariga que me pudesse dar uma mão, uma que é óptima e na qual confio muito. Porém, antes de lhe dar uma determinada posição observei-a e este ano, devido a problemas pessoais, trabalhou pessimamente, muito mal mesmo, quase que justificando ser despedi-la. Portanto tive de pedir a outra pessoa que assumisse aquele cargo. Mas eu estava muito triste, porque gosto muito da primeira e estava a vê-la afundar; não pelas acções que fazia, porque somos todos um pobres coitados, mas porque nessas acções separava-se de todos os vínculos, considerava-se sozinha. Um dia tinha de lhe falar das mudanças internas no trabalho e comunicar-lhe, de facto, que outra pessoa tinha ficado com a promoção que podia ter sido dela. Sentia-me pessimamente e pensava: como é que lhe vou dizer? Pensei que ao dizê-lo devia afirmar um bem para ela, depois ela reagiria como entendesse. Então convidei-a para almoçar e perguntei-lhe: «Como trabalhaste este ano?». Admitiu que tinha trabalhado muito mal, ela bem sabia que tinha a cabeça longe dali. Eu disse-lhe que era mesmo assim, e que tinha perdido uma grande oportunidade profissional, mas que no fundo o que mais me custava ver era que ela própria não se levava a sério. Disse-lhe: «Aquilo que me salvou e me salva é ter sempre um lugar onde há um Tu que me abraça e me perdoa, e não quero perder aquele abraço; por isso me afasto, faço o pior, mas volto sempre porque sei que está lá. E só olhando para ele e estando com Ele sei o que está certo». Disse-me que desejava imenso uma coisa assim, mas ainda não a tinha encontrado. Era quinta-feira. No dia seguinte veio comigo aos Exercícios dos Jovens Trabalhadores. Ela é budista, mas só por tradição, na realidade é ateia, e com imensos problemas pessoais, de saúde, familiares... enfim, muitas coisas. Não sabia para onde íamos, perguntou se devia levar roupa leve ou mais quente, mas eu disse-lhe para vir e veio. Pedi a uma amiga minha para lhe fazer companhia e estivemos juntas. Durante os Exercícios estive sempre de braços cruzados, nem um comentário;

mas eu à noite ouvia-a cantar no duche. Depois voltámos para casa. Na segunda-feira trabalhámos o dia inteiro juntas e ela nada. Saí do trabalho e um segundo depois chegou-me uma mensagem perguntando se lhe podia dar os apontamentos porque queria reler algumas coisas. Mas houve uma coisa que me espantou mais que tudo: ao regressar tornou a trabalhar muito bem, como já não fazia há um ano. Uma nossa colega muçulmana disse-me: «Para o ano que vem levas-me também contigo? Porque ela tem uma cara...». Depois disse: «Deixa lá, são Exercícios católicos, nós vamos para as termas!». Mas reparou num rosto diferente. É mesmo um rosto mudado que move as coisas.

É um rosto mudado, ou seja um facto, que pode responder ao cepticismo, não o meu esforço. É o reconhecimento de qualquer coisa. Porque esta pessoa tinha trabalhado pessimamente e os esforços todos não foram suficientes. No entanto, a dada altura sucede uma coisa, intervém uma presença diferente do nosso esforço e essa pessoa recomeça. Funciona assim na realidade, sim ou não? Ou é só na nossa imaginação? Há certas coisas que não nos podemos continuar a repetir sem mentir, porque nós ouvimos contar coisas destas cada vez que nos encontramos; factos que ultrapassam qualquer medida nossa. Então, quando nos encontramos perante uma coisa que ultrapassa a nossa medida, a questão não é «como ultrapassa a nossa medida, é impossível e eu estou céptico»; a questão é se nós regressamos àqueles factos que desafiam e vencem o nosso cepticismo! Por isso, para responder ao nosso cepticismo não bastam teorias, não bastam explicações, não bastam outros tipos de raciocínios; só os factos os podem pôr à prova. Que alguém, diante do cepticismo, possa dizer como o cego de nascença: «Olhem, todo o vosso cepticismo não me toca porque antes eu não via e agora vejo». Não há outro modo de atingir até os nossos pensamentos cépticos; a única coisa que os pode verdadeiramente desafiar são os factos. Por isso, se a pessoa não se deixa arranhar pelos factos, não abre o olhar a uma outra possibilidade para os factos que acontecem no real – não na nossa imaginação, *no real* –, quando tem esta atitude de cepticismo fica bloqueado. Não é que isso, por si só, já resolva a questão. Os factos abrem uma brecha no nosso muro de cepticismo. Tudo o resto está ainda por fazer, porque só quando me abro a esta possibilidade é que o posso ver, é que posso começar a ver que é possível outra coisa.

Conto uma experiência desta última semana que me fez entrar naquilo que nos contaste sexta-feira à noite. Tenho uma colega que é uma pessoa verdadeiramente boa e generosa, mas que não aceita a presença dos refugiados e, como outros da sua família, diz frequentemente que os fuzilaria a todos, que não deviam entrar, que era preciso construir muros, etc. Isto é agravado pelo facto do marido estar desempregado, numa situação difícil. Não é que se converse muito no trabalho, mas muitas vezes tentei dizer-lhe: «É um facto, é preciso estar cada vez mais presente», ou: «Também para nós pode ser um renascer», obviamente sem fazê-la mudar de ideia nem uma vírgula. Até que um familiar que vive com eles foi hospitalizado por uma doença gravíssima nos pulmões; e no hospital na cama ao lado, encontra um refugiado paquistanês acabado de chegar a Itália com uma situação de saúde muito precária.

O Mistério acerta-nos verdadeiramente em cheio!

Após o aborrecimento inicial começa uma relação entre eles. Este paquistanês, que não está mesmo bem, quando o oxigénio deste idoso se desliga levanta-se da cama e volta a ligá-lo. E lentamente acontecem pequenas coisas assim, pequenos gestos de humanidade. E este tipo que tinha um preconceito, um ódio enorme, pede aos seus familiares para levarem todas as suas roupas velhas, os velhos objectos que já não usa, e dá-os ao paquistanês. Até a minha colega vem ter comigo e diz-me compassivamente: «Tem uma história dramática, deixou lá mulher, filhos ... é uma história duríssima». Em suma, toda a família se afeiçoa a ele ao ponto de ir cumprimentá-lo quando é transferido de enfermaria. Na sexta-feira à noite tu citavas Giussani: «A Igreja, em suma, não faz batota, insiste don Giussani, porque “ tudo o que diz e faz está totalmente à disposição da verificação de quem quer que seja. A fórmula é: experimenta tu, experimenta tu! Abandona totalmente a sua proposta ao conteúdo da experiência: és tu que julgas”. E acrescenta: “ Mais aberta do que isto,

morre-se [...] A Igreja não faz batota no sentido de que não impõe nada que tu, se não estiveres persuadido, sejas obrigado a entender a todo o custo”.» («Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada», p.6). Então em relação a estes pequenos factos que sucedem na realidade, estou grato por aprender com estes pobres coitados o método: estar disponíveis. Disponíveis para como Deus, o Mistério (que permanece um mistério), provoca a minha liberdade, amou e ama a minha liberdade antes de tudo.

É impressionante. Diante de uma pessoa com este comportamento (que pode ser o nosso) em relação a um estranho, um refugiado paquistanês pode ser usado pelo Mistério com este método submisso precisamente para inverter aquele mesmo comportamento. Que imaginação tem o Mistério para usar a coisa mais pertinente, aparentemente contrária, àquilo que nós desejamos... «Não te agradam? Não estás disponível para abraçar um outro diferente? Então meto-o ao teu lado para te fazer alargar a razão, para te fazer alargar o olhar, para te fazer alargar o coração, para te mostrar que é mais do que aquilo a que tu o reduces». É impressionante, porque assim podemos perceber verdadeiramente como o método de Deus é absolutamente pertinente, tanto que te faz escancarar: «Diz-me se esta afeição te corresponde mais ou menos em relação à medida que tu tinhas antes». Nenhum tipo de discurso teria podido arrancar uma convicção tão arreigada. Foi um facto, uma presença que se despertou com toda a sua complexidade, que fez mudar todo o comportamento. Somente se nós estamos disponíveis a isto é que tudo é possível a Deus: até vencer, uma e outra vez, todo o nosso cepticismo.

Eu tenho uma pergunta. A mim parece-me que muitas vezes se confunde o nosso coração, com todas as suas exigências tão profundas e tão verdadeiras, com o amor próprio ou os próprios interesses. Que diferença existe entre o teu coração e o teu amor próprio, ou entre o teu coração e os teus interesses?

Obrigado, esta pergunta é fundamental para todos, porque é verdade que muitas vezes nós confundimos o coração com o amor próprio. Mas qual é a diferença? Se lemos bem o que diz o Papa, começamos a perceber: «Na raiz do esquecimento da misericórdia, está sempre o *amor próprio*. No mundo, este [amor próprio] toma a forma da procura exclusiva dos próprios interesses, de prazeres e honras unidos ao querer acumular riquezas, ao passo que na vida dos cristãos disfarça-se muitas vezes de hipocrisia e mundanidade. Todas estas coisas são contrárias à misericórdia» (*Audiência Geral*, 9 de Dezembro de 2015). Qual é a diferença entre o coração e o amor próprio? O coração, por sua natureza, é exigência de totalidade; o amor próprio é uma redução desta exigência, porque no fundo faz com que nos contentemos com as migalhas dos nossos interesses ou da nossa mundanidade; nada de comparável com a exigência do coração, e conseqüentemente incapazes de o encher. Prevalece o desejo – como diz o Papa – de acumular ou de preencher o vazio com coisas que no fundo, pela sua natureza, não são capazes de nos corresponder completamente. Contavam-me os nossos do Uganda que tinha ido visitá-los um amigo, que trabalha numa companhia aérea, que tinha encontrado o movimento há algum tempo, tinha frequentado as coisas e depois se tinha afastado um bocado. Por acaso alguém lhe tinha oferecido o DVD *A estrada bela*, e assim tinha podido reconhecer os rostos dos que tinha encontrado e lhe tinham tornado fascinante o movimento. Então veio-lhe a ideia, trabalhando numa companhia aérea, que lhe atribuíssem um voo que lhe consentisse ir ter com os amigos vistos no vídeo. Após várias ocasiões, lá consegue. Voa para o Uganda, mas chega a um *resort* fantástico, e fica tão bem que se esquece do motivo porque tinha ido! Reduziu o desejo àquilo. E isto vê-se no facto que mal está a levantar voo para voltar, sente toda a tristeza de ter perdido a ocasião que se tinha criado. O coração não perdoa. Uma pessoa pode censurá-lo por causa de qualquer outro interesse, mas isso não lhe basta. Depois, por acaso, ali no mesmo avião encontra alguns dos nossos que voltavam do Uganda. Diz: «Normalmente não falo com os italianos, porque depois acabam por me meter em sarilhos. Mas esta vez, não sei porquê, senti o impacto dos vossos olhares». Por fim, depois de várias perguntas a que os outros respondiam de modo evasivo, porque não queriam que se interrompesse o diálogo entre eles, diz: «Mas vocês são do CL!». «Sim. Como é que sabes?» E então

conta-lhes a história. Ficou espantado com a forma como o Mistério o conseguiu salvar a quarenta mil pés de altitude. Ouvindo contar estas coisas, damo-nos conta de qual é a diferença entre o interesse verdadeiro de que falava o Papa e a mundanidade (para usar outra palavra). Passar um fim-de-semana num *resort* está muito bem, mas isso não corresponde a toda a espera do seu coração; tanto que depois estava desiludido, e reacendeu-se quanto foi tocado por aqueles rostos, tanto que os reconheceu como pertencentes ao CL. Nós pensamos que podemos fazer batota com o coração. Não! Nem nós podemos fazer batota nem qualquer tentativa de resposta que não corresponda à exigência do coração pode bastar. Nós muitas vezes confundimos o que nos parece e apetece com a correspondência. Mas o que nos parece e apetece é ajuizado pela experiência – ou falta dela – de correspondência. Se alguém, depois de ter passado o fim-de-semana num *resort*, mal inicia o regresso sente emergir toda a tristeza, o juízo está feito. Pode tentar escondê-lo, pode procurar evitá-lo ou pode tentar reconhecê-lo, mas a diferença é nítida. Por isso é crucial que uma pessoa comece a reconhecer a diferença, porque mesmo que tivesse conseguido virar a página não teria encontrado uma resposta verdadeiramente correspondente às exigências do coração.

Sobre isto, o terceiro ponto tem-me acompanhado muito, sobretudo quando nos perguntaste: quando é que vocês pensaram «n'Ele no último mês, seriamente, com o coração?». E eu, quando tu perguntaste, pensei logo: sempre! Eu penso sempre n'Ele. Quando acordo, o primeiro desejo que tenho é que Ele esteja comigo. Mas depois continuaste: «"Nós não pensámos n'Ele como João e André quando o viam falar. Se nos interrogámos sobre Ele, foi curiosidade, análise, exigência de análise, de investigação, de clarificação [...]. Mas outra coisa é pensar n'Ele como alguém que está realmente apaixonado pensa na pessoa por quem está apaixonado [...], puramente, de modo absoluta e totalmente desapegado, como puro desejo de bem". É tão raro que pensemos n'Ele como uma Presença presente, amada!». (Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada, p. 16). Eu achava que conhecia a posição de coração que espera por Ele mas, nestes dias, descobri que o que eu experimentei da relação com Jesus não pode consistir em alguma coisa que eu sei. Todos os dias volta a pergunta: tu a quem respondes, és de quem? Digo isto porque nos últimos dias fui confrontada com uma decisão de trabalho, tinha que decidir ficar no sítio onde estou, onde gosto de estar, ou se olhar para o desejo que explodiu no meu coração nos últimos meses e que ainda existe. Por isso, ao enfrentar esta decisão, perguntava-me realmente: faz com que eu perceba onde me queres, eu quero estar onde Tu me queres. Mas mesmo este pedido, coloquei-o como exigência de definitividade e de clareza, não como alguém que faz um pedido a Quem se ama. Porém, aconteceu que, devagarinho, fui vendo como o Senhor me ia acompanhando e fazia acontecer coisas, e por isso vi que o problema não era escolher de repente entre o branco e o preto, mas ceder a um caminho que Ele me oferece, onde Ele me põe. Portanto, dou-me conta que o problema é abandonar-me a este Seu abraço, até porque quando fiz isso, o problema dissolveu-se. Foi uma libertação! Esta posição é uma novidade porque muitas vezes fico bloqueada pelo medo, sobretudo perante decisões importantes, como se houvesse uma desconfiança de fundo. E descubro também uma resistência ao Seu amor. Só que neste conhecimento apercebo-me que é possível que, estes pontos de libertação que começo a ver, se venham a alargar à vida toda. E que Cristo põe estas perguntas na minha vida, estas embrulhadas, para fazer com que eu descubra que não basta pensar n'Ele, é mesmo preciso que eu O ame. E eu, ao amá-Lo, percebo que O conheço; a minha possibilidade que conhecer Jesus consiste realmente neste amá-Lo, não em pensar n'Ele e pronto.

Perante o amor próprio, diante da redução que fazemos sobre o que esperamos aos nossos interesses, existe toda esta possibilidade que don Giussani resumia em procurá-Lo dia e noite como a única coisa que corresponde a toda a exigência do coração. Mas isto só é possível se cedermos àquela Presença, como Maria Madalena, se cedermos a este curvar-se de Cristo sobre as nossas chagas, sobre as nossas feridas, para responder a toda a nossa espera. Porque sem nos abandonarmos a uma Presença assim e sem ver como Ele é capaz de nos realizar, sucumbimos na busca dos nossos interesses reduzidos. E

esta é a questão que permanece aberta na vida: o que é que nos corresponde? Porque esta é a maneira com que Deus se justifica diante de nós: «Vê o que te corresponde: o resort, os teus interesses, os teus projectos ou abandonares-te à Minha presença?». Mas ninguém se pode convencer disto, a não ser pela experiência feita. Por este motivo, como dizíamos nos Exercícios citando don Giussani, Deus submete toda esta proposta à verificação da nossa experiência, porque só na experiência poderá revelar-se a Sua justificação, isto é, a Sua pertinência às exigências do nosso coração. No nosso dia-a-dia, temos sempre esta possibilidade: não viver só superficialmente, mas reparar que tudo o que existe diante de nós é possibilidade para O descobrir e para verificar se esta proposta corresponde ou não. Só assim crescerá em nós a certeza em vez do cepticismo. A bola, como sempre, está no nosso meio campo, porque esta proposta que Cristo faz diante dos nossos olhos, é dirigida apenas à nossa liberdade.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar no dia 22 de Junho, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre a Introdução dos Exercícios. Há tanto ainda para perceber.

Férias. Recomendo-vos as férias comunitárias. São o lugar privilegiado para descobrir e viver o que é mais importante para nós: “Aquele que está entre nós”. Como dissemos muitas vezes: menos explicações e mais “imersões” num lugar onde se pode fazer experiência. Vivamos as férias com uma atenção ao outro e construamo-las juntos testemunhando-nos uma participação viva a todos os momentos propostos: o *Angelus*, as Laudes, os passeios, o momento de testemunho, a apresentação de um livro, os espetáculos, uma conversa sobre alguma coisa que interessa, os jogos, a Missa... Que tudo se torne um lugar construído para “nos imergir na misericórdia”, como diz o Papa: não apenas para *falar* de misericórdia, mas para *fazer experiência dela*. Como vimos hoje, a participação nos Exercícios mudou – e muda – as pessoas mais impensáveis: vemos isso em nós. Por isso, convidamos a riqueza de um gesto assim convidando também amigos e colegas.

Panfleto do CL pelas eleições administrativas em Itália. Diante da indiferença total que se regista também em relação à política, com este panfleto – que tem por título “A política é um bem” – queremos oferecer um instrumento de diálogo que ajude a estar diante da pergunta: mas por que é que vale a pena votar? Para nós, é outra ocasião para verificar se o cristianismo tem alguma coisa a dizer também a esta situação específica. Porque, se não vence o olhar do qual falávamos antes, o que prevalece é o cepticismo, também na política. Por isso, utilizemos o panfleto para que, através dele, possamos oferecer uma boa contribuição para a vida pública como comunidade cristã: por um juízo e pelo modo diferente com o qual nos colocamos. Bom trabalho!

Veni Sancte Spiritus